

Parque Urbano – Uma busca sustentável na síntese espacial da urbanização

Urban Park - A sustainable search in the spatial synthesis of urbanization

**Isadora de Jesus Pachêco Cutrim, Graduada em Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA**

isadoracutrim28@hotmail.com

Resumo

O artigo teve como objetivo, desenvolver uma requalificação paisagística, em nível de estudo preliminar de um parque urbano localizado numa área urbana da cidade de São Luís - MA, que venha a propor como um novo espaço de lazer e preservação de elementos naturais locais. Apresenta ainda os seguintes objetivos: compreender o conceito de Parque Urbano, estudo do funcionamento e as características de Parque Urbano. Para maior explanação das concepções, abordou-se consideráveis argumentações, levantando-se temáticas, com perspectivas complementares e contraditórias que explorem as proposições: - sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, sustentabilidade urbana. O diagnóstico foi produzido esclarecendo-se as diferentes compreensões e presunções de alguns autores que proporcionou a distinção de alguns componentes conceituais que auxilia na análise de como o assunto é empregado. Os resultados alcançados certificam diversas contestações ponderadas entre autores em relação ao tema parque urbano. Espera-se que este trabalho possa auxiliar para a enumeração de conceitos remodelados, explanação da relevância de como o termo é ocupado nos diversos cenários subtendidos nas extensões da sustentabilidade. Atualmente, a cidade de São Luís possui algumas áreas de crescimento com potencial urbano e paisagístico, ameaçadas pelo déficit de planejamento e gestão quanto ao uso do solo. Na área urbana da mesma, expõe-se em especial, uma gleba localizada na área à margem da centralidade da cidade, onde possui um terreno, que é envolvido por uma pequena porção vegetal, já ameaçada pelo desmatamento, erosões e acúmulo de resíduos sólidos.

Palavras-chave: Parque Urbano; Atividades Físicas e Lazer; Espaço Público

Abstract

The objective of this article was to develop a landscape requalification in the preliminary study of an urban park located in an urban area of the city of. Which may be proposed as a new space for leisure and preservation of local natural elements. It also has the following objectives: to understand the concept of Urban Park, study of the operation and characteristics of Urban Park. For a greater explanation of the concepts, considerable arguments were raised, raising thematic, with complementary and contradictory perspectives that explore the propositions: - sustainability, sustainable development, urban sustainability. The diagnosis was produced by clarifying the different understandings and assumptions of some authors that provided the distinction of some conceptual components that assists in the analysis of how the subject is employed. The results obtained certify several contestations weighted among authors in relation to the urban park theme. It is hoped that this work can assist in the enumeration of refurbished concepts, an explanation of the relevance of how the term is occupied in the various subtended scenarios in the extensions of sustainability. Currently, the city of São Luís has some growth areas with urban and landscape potential, threatened by the lack of planning and management of land use. In the urban area of the same, it is exposed in particular, a gleba located in the area to the margin of the centrality of the city, where it owns a land, that is surrounded by a small portion of plant, already threatened by the deforestation, erosions and solid waste accumulation.

Keywords: Urban Park; Physical Activities and Leisure; Public place

Introdução e Justificativa

A intensificação urbana vem acrescentando ao longo do tempo, aversões e adaptações às cidades brasileiras. Averiguando a prática da elaboração de espaços construídos e livres no século XXI, apura-se no parque urbano uma possibilidade de oferecer o bem-estar social através do convívio entre espaços edificados e aqueles mais naturais.

Dado a gradativa ausência de recursos naturais, as temáticas ambientais passam a inspirar, a busca por espaços livres, a modelo de praças e parques. Nesta alegação, temos como alusão as cidades brasileiras de Curitiba e São Paulo, que se distinguem pela contagem de espaços deste tipo. No mesmo momento e acepção, outros municípios articulam projetos paisagísticos, onde muitos deles objetivam a preservação de vegetação nativa e cursos d'água, como no exemplo do Parque Olhos D'água em Brasília no ano de 1994.

Dado a gradativa ausência de recursos naturais, as temáticas ambientais passam a inspirar, a busca por espaços livres, a modelo de praças e parques. Nesta alegação, temos como alusão as cidades brasileiras de Curitiba e São Paulo, que se distinguem pela contagem de espaços deste tipo. No mesmo momento e acepção, outros municípios articulam projetos paisagísticos, onde muitos deles objetivam a preservação de vegetação nativa e cursos d'água, como no exemplo do Parque Olhos D'água em Brasília no ano de 1994.

Não diferente desta existência brasileira, depara-se o município de São Luís, capital do estado do Maranhão, que possui uma paisagem tomada por grandes florestas de manguezais resquícios de sua vegetação nativa, além de relevo acidentado, caracterizado por dunas costeiras e falésias, cuja malha urbana busca se moldar a tais condicionantes.

Atualmente, a cidade de São Luís possui algumas áreas de crescimento com potencial urbano e paisagístico, ameaçadas pelo déficit de planejamento e gestão quanto ao uso do solo. Na área urbana da mesma, expõe-se em especial, uma gleba localizada na área à margem da centralidade da cidade, onde possui um terreno, que é envolvido por uma pequena porção vegetal, já ameaçada pelo desmatamento, erosões e acúmulo de resíduos sólidos.

O terreno em estudo, dentro do próprio bairro inserido, possui alguns espaços para lazer, cultura, práticas de esportes ao ar livre, voltados ao bem estar das pessoas da própria comunidade, retratando-se nas seguintes sucessões com algumas descrições: 6 praças, com vegetação espontânea e bem ordenada, das quais foram reformadas há pouco tempo; mobiliário adequado e alguns em ótimas condições; 03 academias ao ar livre, bem frequentada em horários flexíveis; 04 campos de futebol gramado, sendo 02 com péssima infraestrutura, e os outros 02 razoáveis e 03 quadras. Tais lugares, antes mencionados não se caracterizam como espaços livres, caracterizados por ser parques urbanos, pois segundo descreve Loboda & De Angelis (2005, pág. 133): “Parque Urbano: É uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, no entanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos.” Dito isto, reforça a implantação deste tipo de equipamento.

Em virtude disto o artigo tem como objetivo, desenvolver uma requalificação paisagística, em nível de estudo preliminar de um parque urbano localizado numa área urbana da cidade de São Luís, que venha a propor como um novo espaço de lazer e preservação de elementos naturais locais. Apresenta ainda os seguintes objetivos específicos:

- Compreender o conceito de Parque Urbano.
- Estudar o funcionamento e as características de Parque Urbano.

- Identificar as práticas projetuais eficientes para um Parque Urbano, levando em consideração condições climáticas, lumínicas, sócio-econômicas e de recursos disponíveis.
- Diagnosticar as necessidades da comunidade onde o terreno escolhido se localiza.
- Caracterizar o terreno escolhido de acordo com as exigências de uso e ocupação do solo segundo as leis que regem tais características de forma a elaborar o estudo preliminar.

A metodologia utilizada para o andamento e obtenção das metas, foi praticada por meio de pesquisa bibliográfica, documental, estudos de casos e pesquisas de campo. Inicialmente foi realizada a colheita de mapas e dados correspondentes em trabalhos escritos a respeito do tema abordado, a cidade e a área de intervenção, por meio da internet e bibliotecas.

Como significativo componente de fundamentação teórico-prático, teve-se a pesquisa, descrição e leitura de referências sobre parques urbanos, para tornar compreensível para a elaboração do estudo preliminar, que ainda é enriquecido pelo estudo sobre vegetação e recursos hídricos.

Para análise das condicionantes físicas ambientais e interpretação urbana atual realizou-se a pesquisa de campo, com um levantamento das tipologias, dos usos, fluxos e elementos naturais, o que proporcionou definir quais as carências específicas do parque como o todo. Tendo como objetivo reconhecer critérios que legitimem o uso e ocupação do solo, foram analisadas as leis urbanísticas da cidade de São Luís além do código florestal brasileiro. E para o encaminhamento nas decisões de projeto e ampliação dos estudos relacionado ao tema, houve o estudo e análise sobre os estudos de casos de parques urbanos a nível nacional.

1. Métodos

O artifício geral do artigo utilizado foi o levantamento bibliográfico e análise dos conceitos exposto sobre a sustentabilidade por autores selecionados. Elaborou-se a composição através dos conceitos de parque urbano, funcionamento e características, especificações às oposições que foram concebidas com o tempo e como os distintos colocações frente às adversidades sucederam em um conceito vasto e não consensual.

Discussão e análise de Projetos de Referência, junto à interpretação dos dados obtidos. Esta etapa foi dividida em dois estudos de Parques Urbanos com as seguintes preliminares: localização, tratamento do sítio, zoneamento e fluxos, concepção projetual, programa de necessidades, traçados e composições vegetais, acessibilidade, equipamentos e materiais.

Condicionantes e aplicação de questionários na comunidade para obter critérios e sustentar o anseio do meio urbano, para a elaboração do estudo preliminar do Parque Urbano junto à interpretação dos dados.

A primórdio, para assimilar a situação complexa das temáticas principais, que despertou algumas questões pertinentes para a análise das condições e por fim a percepção sobre as definições de parque urbano e suas condicionantes e para compreender no âmbito da sustentabilidade urbana.

2. Resultados e Discussões

No Brasil, o surgimento dos primeiros parques urbanos vem a ser totalmente diferente ao que já se tinha nos moldes europeus, segundo Loboda & Angelis (2005), o conceito de parque "está ligada a arte da jardinocultura desenvolvida no antigo Egito, que disseminou esta prática para o mundo ocidental, sendo transmitida pelos gregos, persas, romanos, árabes e posteriormente italianos e franceses."

Durante o Renascimento, a forma de pensar na concepção e até mesmo a produção dos espaços livres urbanos, foi influenciada. Ferreira aborda tal assunto afirmando que "foram geradas transformações ocorridas neste período, que irão contribuir para uma nova configuração dos espaços públicos urbanos, cuja materialização está no jardim italiano ou jardim renascentista" (FERREIRA, 2005). Foi um complemento a parte ao cenário urbano, mais voltado às elites emergentes. O Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, é um dos parques que, no cenário brasileiro, pode ser conceituado como parque urbano.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJA, que tem criação datada de junho de 1808, desde sua criação, tem uma iniciativa que é voltada a situação econômico e político, instalado inicialmente para ser uma fábrica de pólvora e um jardim para adaptar as espécies que vinham de fora, no ano de 1890, passou a receber visitas ilustres, somente pessoas trajadas adequadamente podiam usufruir deste ambiente. Ao longo do tempo, esta forma de pensar foi modificada, já em meados do século XXI tornou-se mais público.

Segundo Macedo e Sakata (2003), parque urbano é:

todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno

Segundo Richard Sennett (1988, pg.30), foi por volta de 1470 que a palavra “público” começou a aparecer em publicações com conotação de “bem comum na sociedade”. Setenta anos mais tarde a palavra adquiriu o sentido daquilo “que é manifesto e está aberto à observação geral”. Para Levy & Lussault (2003) os espaços públicos seriam apenas uma das expressões do espaço comum.

Esta é uma forma de se pensar o espaço público, que deve manter acesso para todos, e que não podemos privatizar determinadas áreas. Na maioria dos casos, os espaços públicos estão esquecidos, e quando são recuperados, devem se preocupar com a massa de uso geral, e não para uma certa minoria de pessoas, porque além de o lugar não poder ter um público diversificado, oriundo de toda parte da cidade, vai acabar caindo no abandono pela própria população que frequenta.

Os autores acima, destacam o destino à recreação de massa, não se deve diferenciar e muito menos classificar a entrada nestes lugares, não é porque um parque está situado em uma área mais nobre ou urbanizada de uma cidade que somente, as pessoas que moram próximo do entorno devem usar, elas irão sim, ser as que fazem seus usos mais frequentes por conta da proximidade, mas usuários de áreas, bairros próximos também.

Pensando desta forma, os parques urbanos vêm ao cenário como uma forma de desligar as pessoas da vida corrida dentro da cidade com a fragilidade do espaço e a própria necessidade pela recreação e ao lazer, e estas transformações espaciais vêm sendo retratadas desde a Revolução Industrial datado do século XVIII.

A esse respeito, Macedo e Sakata (2003) “acrescentam que as cidades brasileiras necessitam cada vez mais de novos parques urbanos, em geral de dimensões menor devido à escassez de terreno e ao alto custo do metro quadrado nos grandes centros.”

Para Melazo e Colesanti (2003), afirma que:

os parques urbanos representam na dinâmica das cidades, um “espaço verde” fundamental no contexto de crescimento e desenvolvimento econômico e urbano, pois, através deles, proporcionam para a comunidade dos bairros que os circundam como também para toda a cidade, um espaço destinado ao lazer, ao contato com a natureza, onde o homem se encontra totalmente inserido.

Os dois autores supracitados, confirmam o argumento dito anteriormente, que os parques acrescentam ao usuário um sentimento de paz e que devia-se ter mais áreas como estas espalhadas ao longo das cidades. São Luís por exemplo, é um caso que não se tem opção de parque urbano, com qualidade, que ofereça segurança e infraestrutura.

Os parques que existem na cidade são, o Parque Ecológico da Lagoa da Jansen que conta uma área de 6.000m², com restaurantes, quadras poliesportivas, ciclovias e áreas de cooper, logo a sua inauguração, teve uma alta frequência de moradores e turistas, ainda consta como um ponto turístico local, mas a sua infraestrutura ao longo do tempo deixa a desejar, o mau cheiro do lago e a falta de segurança são fatores que afastam visitantes do local. O Jardim Botânico da Vale, que é voltado ao lazer, pesquisa, cultura e educação ambiental, é um dos que se mantêm em melhores condições desde a sua criação, mas o fato de sua localização, não é um aperitivo que gera um alto índice de frequência.

Contudo, o Parque Bom Menino, têm uma localização privilegiada, mas também peca no quesito infraestrutura e segurança, com um objetivo de agregar mais inclusão social cumpre bem o seu papel, com um uso frequente, de pessoas de várias faixas etárias, o seu estado de conservação está e boas condições.

Se formos nos basear pelos autores, sim, são áreas propícias a dinâmicas fora da rotina, mas que ainda deixam a desejar aos visitantes. Relacionado a isso, temos a crescente edificação presente nos vazios urbanos ainda existente pela cidade, a opção por uma área de lazer é pouca, e os que existem para futuros projetos de parques, estão aos poucos sendo edificadas por imobiliárias por condomínios, com uma infraestrutura de opção de lazer completa, só que ao analisarmos, esta forma de lazer de áreas públicas, não se enquadra, pois é uma forma pública de maneira particular, isso inibe os proprietários daquele empreendimento de se relacionarem com outras pessoas, apenas com as mesmas do círculo de vivência do próprio condomínio.

Se fizermos um panorama em relação a especulação imobiliária, a respeito da maneira de atrair as pessoas a comprarem estes tipos de empreendimentos, como casas, apartamentos, com um conjunto de áreas de lazer completo, percebe-se uma segregação espacial, um certo isolamento dentro do espaço criado, isso faz com que eles se esqueçam que fora do círculo de rotina, criado por eles, existe uma cidade, e estes pequenos círculos são apenas uma fração com sua particularidade em diversos aspectos, e faz com que as pessoas se esqueçam ou até mesmo não queiram sair e ter um convívio com o mundo externo, fora dos muros da edificação.

Segundo Macedo e Sakata (2003) "descrevem a evolução dos parques brasileiros, segundo três fases ou linhas de projeto paisagístico, sendo: eclética, indo do século XIX até 1920, moderna, de 1930 e ainda hoje influente, e a contemporânea, cujo estilo se tornou mais forte a partir da década de 80."

Hoje os parques urbanos, estabelecem sua função ao se agregar às possíveis alterações proporcionadas pela ação do meio urbano, ao designarem-se como fator ordenado, conectado a uma base mais ligada, ao aspecto social, cultural e natural.

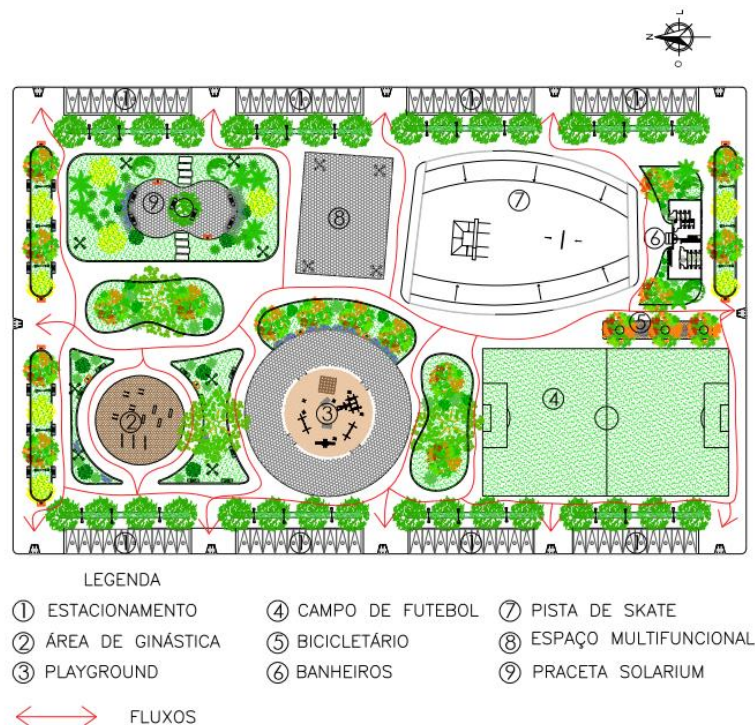


Figura 1: Implantação e Fluxos do Parque Urbano. Fonte: Isadora Cutrim

Os parques urbanos são tidos como uma área verde livre de edificação, voltada a atividades físicas e de lazer, em meio a agitada vida na cidade. Um respirar “ar verde” proporciona às pessoas um bem à saúde e a vida, que ajuda no bem-estar. Llardent (1982) afirma que “as funções desses parques urbanos têm relevante papel no conjunto dos elementos, sistemas e funções das cidades, sendo os espaços livres um dos principais sistemas que formam o organismo urbano.” Cassou (2009) afirma que “tais locais possuem baixo custo para a prática de atividades físicas e, neles, pessoas com diferentes condições econômicas e sociais, podem usufruir dos espaços existentes.” Lovisolo (2002) contribui afirmando que “a atividade física se tornou capaz de resolver todos os problemas, ela é colocada tanto como forma de relaxamento, quanto solução para males de saúde por sedentarismo”.

Segundo Llardent, Cassou e Lovisolo (2002),

as atividades ajudam no desenvolvimento proporcionando melhores resultados, mas o foco principal são as opções de usos que estas áreas nos trazem. Geralmente são utilizadas em prol de atividades voltadas à educação física, como na maioria, há equipamentos de qualidade para a prática esportiva, as pessoas gostam de ir até o lugar, e fazer as suas atividades, é muito comum pessoas do próprio entorno se utilizarem do parque, mas também é comum um simples ir para a contemplação.

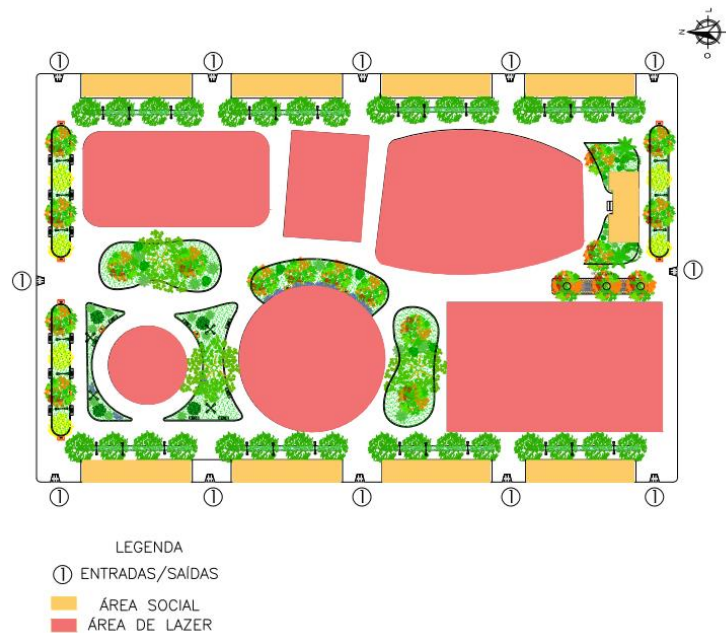


Figura 2: Zoneamento do Parque Urbano. Fonte: Isadora Cutrim

Algumas cidades apostam nestas áreas como um investimento que pode vir a dar lucro no futuro, mas as vezes também, é um gesto para cuidar da cidade, pensando na questão estética, e como uma forma de área permeável em meio ao tecido urbano. O planejamento junto com algumas intervenções, na maioria das vezes pode ser que venha a ser um ponto positivo para a cidade e os próprios cidadãos, ou em outras situações, causa transtorno, pontos de alagamento, enchentes, em locais que antes não ocorria. Isto é devido ao novo uso, no caso da área verde pública urbana, para um uso com edificação, aquela área antes passava por um papel importante dentro do plano da paisagem e passou a ser outro. O foco do trabalho não é como os parques interferem no planejamento da paisagem, mas claro, dando a sua importância perante os acontecimentos que estamos acostumados a visualizar nos noticiários.

Contudo, Nahas (2002) afirma que:

... só subsidiarão a formulação de políticas públicas e se constituirão como ferramentas para monitorar a qualidade ambiental e de vida urbana, se, as iniciativas experimentais (no campo técnico e acadêmico) demonstrarem possibilidade de aplicação na gestão da cidade, se forem compatíveis com os interesses dos gestores municipais e com os critérios estabelecidos pela política de desenvolvimento e expansão urbana.

A reflexão sistemática sobre o uso de áreas verdes é tida como uma ponte para salvar as poucas que restam e nos permitem ainda ter acesso. O que é muito comum de ser visto, são estas áreas a serem usadas como depósito de lixo, isso acontece por causa da própria educação das pessoas em não respeitar o ambiente. Isto é comum, quando áreas como estas são tidas como abandonadas, ou estão sem nenhuma edificação e são próximas a residências, que faz com que se crie um hábito de jogar lixo no local, pois um parque bem arborizado, com infraestrutura de qualidade, serve para todas as classes de usuários, seja qual for sua faixa etária, mas as atividades nele exercidas também influenciam o seu meio. Alguns parques erram neste quesito, a falta de manutenção em alguns, os leva ao abandono e não há uma movimentação para que tenha os “olhos da rua”, como cita Jane Jacobs (2000),

os parques de bairro ou similares são comumente considerados uma dádiva conferida à população carente das cidades. Vamos virar esse raciocínio do avesso e imaginar os parques urbanos como locais carentes que precisem da dádiva da vida e da aprovação conferida a eles. Isso está mais de acordo com a realidade, pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso.



Figura 3: Vista do Parque Urbano. Fonte: Isadora Cutrim

A relação entre comunidade e parque tem que estar em sintonia para que haja uma recíproca verdadeira entre ambas, para que tudo esteja indo conforme o planejado, para isso temos autores que abordam a classificação dos parques urbanos, Ferreira (2005), faz menção da sua classificação perante o raio de abrangência e diz:

Parques de Vizinhança: são de uso localizado, pois são planejados para servir a uma unidade de vizinhança ou habitação, substituindo as ruas e os quintais das casas das cidades menores; são espaços com tamanho reduzido, que devem abrigar alguns tipos de equipamentos ligados à recreação, vegetação e distar entre 100 e 1000m das residências ou trabalho. Parques de Bairro: são de maiores dimensões, devendo conter uma gama maior de equipamentos de lazer; podem desempenhar função paisagística e ambiental, se dotados de vegetação, espaços livres de impermeabilização e águas superficiais.



Figura 3: Vista do Parque Urbano. Fonte: Isadora Cutrim

Aprofundando no campo temático do estudo, um termo torna-se considerável na pesquisa, “pocket parks”, que é um conceito bem simples, que visa melhorar o aproveitamento dos espaços públicos, podendo formar um subsistema com atributos próprios. Ele é um componente extremamente contemporâneo, se relacionado com a existência de praças, parques e ruas; surge na década de 60 – e é por esta razão que não existe uma interpretação e conceito sólido sobre o tema. Sobrevindo dos princípios dos antigos jardins públicos, o pocket park forma-se basicamente de um espaço livre público em pequena escala, diversificando de modalidade de acordo com a cidade ou país de implantação. Segundo Miranda Magnolli (1996), “os pocket parks servem como oásis urbanos em meio a um tecido denso e concreto, aliviando a pressão da cidade.”



Figura 4: Vista do Parque Urbano. Fonte: Isadora Cutrim

Além de suas moldagens, os principais aspectos são, o aproveitamento de um lote ou remanescente urbano abandonado para o usufruto da população, por meio da criação de um espaço livre público. Seus usos constituem-se em estar e descanso principalmente, com outros agregados ou não, dependendo do espaço e contexto. Idealmente é a ocupação paisagística de um lote inserido em uma quadra densa da malha urbana, constituindo-se como uma “sala de estar ao ar livre” (SUSTAINABLE CITIES COLLECTIVE, 2013). Outra semelhança é a parceria pública privada, por meio de instituições, associações vicinais, empresas – assumindo a responsabilidade de gestão e manutenção, e por vezes até de projeto e execução; também a questão econômica entra no panorama, por serem investimentos pequenos, com soluções criativas e às vezes de caráter temporário (SUSTAINABLE CITIES COLLECTIVE, 2013).b

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: 2004.
- BRASIL. Lei 12.651, 25 de maio de 2012. Institui o Código Florestal Brasileiro. Presidência da República. Brasília: 2012.
- CHAO, C. H. N. et al. Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques de Curitiba: Uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários. Anais do XVI Conbrac e III Conice – Salvador, Bahia, 2009.
- FERREIRA, Adjalme Dias. Efeitos Positivos Gerados Pelos Parques Urbanos: o caso do passeio público da cidade do Rio de Janeiro. Niteroi: [s.n.], 2005.
- JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KLIASS, R. G. Desenhando paisagens, moldando uma profissão. São Paulo SENAC, 2006.
- KLIASS, R. G. Parques urbanos de São Paulo. São Paulo: PINI, 1993.
- LLARDENT, L. R. A. Zonas verdes y espacios libres en la ciudad. Madrid: Closas Orcóyen, 1982.
- LEVY, J.; LUSSAULT, M. Dictionnaire de la Géographie: et de l'espace des sociétés. Paris: Berlin, 2003. (consulta de conceitos).
- LOVISOLO, Hugo. Atividade física e saúde: uma agenda sociológica de pesquisa. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (orgs.). Esporte como fator de Qualidade de Vida. Piracicaba: Editora Unimep, 2002, p. 277-296.
- LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues. Áreas Verdes Públicas Urbanas: conceitos usos e funções. *Ambiência*, Guarapuava, v.1.n.1. p.125-139. Jan/jun, 2005.
- BRASIL. Lei 12.651, 25 de maio de 2012. Institui o Código Florestal Brasileiro. Presidência da República. Brasília: 2012.
- MAGNOLI, M. M. E. M. O jardim na cidade é um fragmento de sonho. In: Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2, 1996, São Paulo. Anais do II ENEPEA. São Paulo: Unimarco Editora, p.13-18.
- MENEGAT, R.; ALMEIDA, G. Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades: estratégias a partir de Porto Alegre. UFRGS, 2004.
- MELAZO, G. C; COLESANTI, M. T. M. Parques Urbanos: Importantes “espaços verdes” na dinâmica ambiental das cidades In: II Simpósio Regional de Geografia “Perspectivas para o cerrado no século XXI”, Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, nov. 2003.
- MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. Parques Urbanos no Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial de São Paulo, 2003.
- MASCARÓ, Juan Luis(org). Infra-estrutura da Paisagem. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.